



ERICIEIRA.

A VILLA da Ericeira, situada na costa do Oceano tres leguas ao norte de Cintra e uma e meia ao poente de Mafra, é uma povoação d'antiga data, e quasi toda habitada por homens dados ao trato marítimo. Elrei D. Affonso 4.<sup>o</sup> lhe deu foral em 17 de maio de 1369, e posteriormente D. Manuel o reformou em 1513. Em documentos antigos é conhecida por Oyriceira e Eyriceyra, e daqui vem serem as armas do concelho um ouriço. Consta que primeiramente pertencêra á parochia de Mafra. Os mais antigos assentos da separação são de 1406. A actual freguezia é da invocação de S. Pedro, e foi edificada nos principios do seculo passado, prestando auxilio o Sr. D. João 5.<sup>o</sup>

O estabelecimento mais importante que esta villa possui é a casa da Misericordia, a qual foi fundada, onde havia uma ermida do Espirito Santo, por Francisco Lopes Franco em 1678. Este dou-lhe um padrão de juro de 480:000 réis, e os pescadores obrigaram-se a pagar-lhe annualmente todo o ganho d'uma rede de pesca, cujo onus solveram pela quantia de 6:400 réis que ainda hoje pagam cada um dos dez barcos de pesca. O rendimento actual em juros e foros é de Rs. 1:679\$700. Despende com encargos pios e despezas do culto 725\$300, e com o hospital 479\$300. O excedente da receita é empregado em esmolas e vestuario aos pobres.

Os habitantes empregam-se pela maior parte nas pescarias ao longo do nosso littoral, na costa de Marrocos, e tambem já fizeram tres expedições ao Banco da Terra-Nova nestes ultimos annos. O numero d'embarcações de todos os lotes, incluindo as do commercio de cabotagem, é de 98, empregando 670 individuos. A população orça por 2769 almas com 750 fogos; no principio deste seculo tinha apenas 600.

O forte que a estampa representa está sobranceiro á calçada que dá para a praia, e hoje acha-se desguarnecido. Segundo se deprehe de d'uma inscripção sobre a porta foi edificado por D. Pedro 2.<sup>o</sup> em 1760.

No chafariz chamado a Fonte do Cabo existe uma pedra embutida na parede com um emblema e legenda em caracteres gothicos em relevo, que pa-

rece significar — Feita na era de mil e quatrocentos e cincoenta e sete annos.

Ainda existem restos do palacio do senhorio desta villa, o conde da Ericeira: pela parte superior de algumas janellas veem-se pedras com um leão esculpido. Estas paredes, a que o povo chama o Paço, são dignas de veneração por terem servido de residencia, e quem sabe se de academia, ao nosso douto escriptor D. Francisco de Menezes.

A meia legua ao nascente desta villa está aberta uma mina de barro branco no sitio chamado a Aveseira, que já tem sido explorada por conta das fabricas de louça das Janellas Verdes e Vista Alegre.

Tambem por este mesmo sitio é situado o chamado — Pinhal dos Frades, por ter pertencido ao convento de Mafra. É uma importante propriedade nacional assim pelo numero como pela bondade e prestimo das arvores, que excedem em diametro e altura as de todos os outros pinhaes circumvisinhos.

J. F. Henriques Nogueira.

#### ANTIGOS CASTELLOS E ALCAIDES MÓRES.

ESTE cargo militar, que hoje é um titulo simplesmente honorifico, conservado como uma recordação entre as nobres familias cujos ascendentes o exercitaram, foi na sua origem um dos mais importantes do estado. Houve tempos em que os alcaides móres eram os homens de quem dependia quasi exclusivamente a existencia politica e independencia das diversas monarchias, que a extincção do reino wisigothico pelas armas dos sarracenos, e a reacção do christianismo contra estes fizeram nascer e constituir-se na Peninsula. O estado contínuo de guerra entre christãos e infieis tornava necessario, como já n'outra parte dissemos, que tanto as maiores como as menores povoações fossem fortificadas e defendidas por um castello, ou situado no centro de povoado, quando a posição elevada deste o consentia, ou na eminencia mais visinha e mais forte. Como os christãos começaram a organizar-se nas inacessiveis serranias das Asturias, aonde se haviam acolhido aquelles que não tinham querido submeter-se, ao

2.<sup>a</sup> SERIE — VOL. III.



jugo dos arabes, as suas primeiras edificações ao passo que iam alargando o proprio dominio pelo territorio mussulmano, eram unicamente esses castellos habitados por gente de guerra; e quando as fronteiras se mudavam para mais longe, era então que as choupanas e depois as casas se lhe iam asentando em volta ou nas immediações; muitos, porem, nunca passavam de simples logares fortes, ou, por assim dizermos, de praças de guerra. Destes ultimos ainda existiam bastantes nos fins do seculo 13.º, mas convertidos pela maior parte em guaridas de salteadores, das quaes, aquelles que eram assaz poderosos para as guarnecerem de homens d'armas, sabiam a roubar os viandantes, e principalmente os mercadores judeus e estrangeiros, que guardavam presos para tirarem delles avultados resgates. Uma grande parte eram de tal construcção, que poucas horas resistiriam a um ataque se neste se empregassem a tactica e os instrumentos modernos de guerra. Vê-se da Historia Compostellana e d'outras memorias antigas, que os havia até edificados de vigas travadas, e os vãos de pedra solta ou de barro. Todavia o numero supria a fraqueza, e elles offereciam uma barreira frequentemente insuperavel ás correrias dos sarracenos.

Entre estes não nos offerece a historia tão frequentes exemplos desses castellos, ou melhor diremos torres, que no territorio dos seus adversarios cubriam todas as alturas e cabeços um pouco elevados. E assim devia acontecer. Os mouros tinham-se apossado rapidamente das antigas povoações romano-wisigothicas, espalhadas pelas provincias mais ricas e populosas, e situadas geralmente em logares chãos ou de facil accesso. Era a reconquistar estas que tendiam todas as diligencias dos christãos. Por isso importava principalmente aos mussulmanos empregar a sua vigilancia e immensa actividade em fortificá-las, deixando mais abertos os campos e pequenos aggregados de população. Apesar de que as dissensões civis, maiores entre os mouros que entre os seus contrarios, fosse a principal causa da decadencia do islamismo na Hespanha, a differença dos meios de resistencia das duas raças, não deixou por certo de contribuir para semelhante resultado. Nas gazúas [gaswat] ou correrias dos sarracenos pelas terras inimigas, cada collina lhes offerecia um combate contra homens entrincheirados atraz de seus muros, ao passo que os factos historicos nos provam que os christãos assenhoreando-se de qualquer cidade importante tinham a certeza de se apossarem quasi sem resistencia da comarca e até da provincia della dependente. Deste modo enquanto uns com uma só victoria mudavam para mui longe os marcos das suas fronteiras, os outros só á custa de muitos recontros e triumphos obscuros podiam alongar palmo a palmo os seus.

Para fazer uma idéa da multiplicidade das torres e castellos que povoavam a Hespanha christã no seculo 12.º baste advertir que em quanto a Castella delles tirava o seu nome, na Galliza e na provincia de Entre-Douro e Minho eram tão frequentes que nos resta um sem numero de memorias de transacções feitas ácerca de castellos como se fossem uma quiota, um casal, uma habitação ou outra qualquer propriedade. Escambavam-se, doavam-se, vendiam-se e infeudavam-se, isto é, afforavam-se por certa prestação, ou por certas obrigações pessoais, porque a infeudação rigorosa nunca existiu entre nós. Recompensavam, emfim, com elles os senhores poderosos, que possuíam muitos, os serviços

feitos pelos seus homens d'armas, ou por outras quaesquer pessoas sem exceptuar os membros do clero; porque á maior parte delles andavam annexas terras, barcas de passagem, direitos senhoriaes, que tornavam estes castellos, já quando não serviam para a defensão contra estranhos, elementos fecundos de oppressão dos naturaes.

A edificação dos castellos tornou-se communissima nas monarchias de Oviedo e Leão, Castella, Galliza, e Portugal, em consequencia da lucta com os arabes, mas nem nasceu rigorosamente deste facto, nem foi um costume particular das Hespanhas. A disseminação dos castellos era tão antiga como a feudalidade nos paizes onde esta existiu. A região em que até o 8.º seculo elles eram mais raros foi sem duvida a Peninsula: o systema beneficiario e municipal que prevaleceu entre os wisigodos, e as formas sociaes do imperio romano, que estes imitavam, não favoreciam a fundação de taes ninhos d'abutres; porque a familia não estava em guerra com a familia, a povoação com a povoação. Semelhante estado de cousas era proprio dos paizes feudaes, ou para melhor dizer, o feudalismo nascêra desse estado de mutua desavença, odio, e receio entre homem e homem; foi uma organização violenta dada a uma sociedade aliás impossivel.

Assim, attentando pelo que em tal materia nos appresentam os monumentos do 9.º—10.º—11.º e 12.º seculos, parece-nos que descobrimos nas influencias d'alem dos Pyreneus a idea da fundação destes pequenos edificios guerreiros, embora seja tambem facil de crer que a necessidade de resistir aos mouros com forças inferiores contribuíra para a fazer adoptar. Posto que o imperio godo durasse até o principio do 8.º seculo não se acha nos seus monumentos outro vestigio de logares fortificados senão as povoações collocadas em alturas defensaveis e chamadas ás vezes *castros*, nome derivado por analogia dos grandes acampamentos, ou arraiaes fortificados dos romanos. O *castellum* ou pequeno castro, o *castellanus* ou morador do castello, o *municeps* ou governador deste, só apparecem entre nós quando já eram cousas conhecidas e vulgares na França, Inglaterra e Italia. Estas denominações ou pelo menos outras, realmente analogas, não nos lembra encontrá-las nos numerosos monumentos wisigothicos que ainda nos restam.

Já, porem, em todo o seculo 9.º a denominação de *castriellum*, *castellum*, começa a apparecer, sendo de notar que predomina nos documentos latino-barbaros a palavra *castellum* [alatinada do francez e provençal *castel*] sobre a palavra *castriellum* de mais sabor hespanhol, e melhor derivada de *castrum*, ao passo que achámos depois na nossa lingua vulgar quando a principiámos a conhecer, o vocabulo *castrello*, *crestello*, que subsiste ainda hoje para designar certas pequenas povoações das provincias do norte.

Assim como prevaleceu o nome de origem, ao que parece, estranha, para denominar este genero de edificações militares, assim a palavra *municeps*, trazida igualmente d'alem dos Pyreneus para significar o governador ou capitão dos castellos, é ainda vulgar no seculo 12.º, e só para o fim deste se vê predominar o vocabulo *alcaide* com que se ficou depois designando aquelle cargo militar, a que tambem em documentos anteriores e posteriores a essa epocha se dá frequentes vezes a denominação de *tenente* [tenens].

A causa do predominio do nome arabico sobre o



de origem romana acha-la-hemos facilmente se atendermos ás phases historicas das duas raças, inimigas por sangue e crença, que luctavam na Peninsula. Ao passo que o dominio mussulmano se encurtava, e se dilatava o christão, as grandes povoações mussulmanas iam cahindo successivamente nas mãos destes, e o theatro das mutuas correrias mudando-se cada vez mais para os territorios do sul. Daqui nascia que os pequenos castellos ou torres isoladas das provincias do norte, ao oriente e occidente, se não se convertiam em nucleo de novos e importantes municipios, ou eram abandonados e cahiam em ruinas, ou se tornavam em guaridas de nobres salteadores, que o governo real vinha mais cedo ou mais tarde a destruir. Outros finalmente perdiam o seu character militar, e rodeando-se de salas e aposentos irregulares, varios em data, em architectura e em destino, convertiam-se em solares das illustres familias e davam assim origem a essas torres que ainda se veem campear sobre os tectos d'alguns delles, principalmente nos districtos do norte da Peninsula.

Mas os que se alevantavam no centro das povoações de certa importancia continuaram a desempenhar os fins da sua fundação: dilatados e reformados segundo os progressos da sciencia da guerra, e estendendo ao redor do povoado as *cercas* e *barbacans*, ligadas aos proprios muros pelas *courças*, ao mesmo tempo que defendiam o burgo continham as pretensões ás vezes demasiadamente municipaes ou antes democraticas, que os burguezes da idade-media alimentavam. Desde então o *municeps* começou a ser uma personagem mais importante, e o seu cargo a representar o poder real e a tomar o duplicado character do governo militar, e da suprema auctoridade civil e politica, isto é, uma situação analogá á dos *al-kaidas* das *medinas* ou grandes povoações mouriscas. A semelhança das attribuições devia assim trazer a introdução do vocabulo, tanto mais que voltando diariamente as cidades dominadas pelos mussulmanos ao poder dos seus antigos senhores, a ordem da administração não era mudada, mas sim apenas os individuos que occupavam os cargos della, e como ahí o grosso da população ficava naturalmente sendo o mesmo que era — os mouros e os mosarabes, — as denominações que estes davam aos officiaes publicos deviam prevalecer, e depois triumpharem quasi exclusivamente na linguagem commum. É por isso que até na terras fundadas de novo achamos não só usada a palavra *alcaide* para significar o *tenens* ou *municeps*, mas designados os cargos municipaes por vocabulos arabicos, como o *alvazil*, o *almoçabel* ou *almotacel*, o *almojarife*, &c.

O foral dos mosarabes de Toledo, dado por Afonso 6.º em 1101, quinze annos depois da antiga capital das Hespanhas ter voltado ao poder dos christãos, mostra bem que a linguagem commum, apesar de haver decorrido tão largo espaço de tempo, conservava ás diversas auctoridades locais os seus nomes arabes. Ahí se mencionam D. João *alcalde* (\*) que era o preposito e veridico juiz da mesma cidade; o *al-hariz* (:) D. Pedro, que nas subscri-

(\*) *Alcalde*, ou *alcade* não deve confundir-se com *alcaide*: esta palavra deriva-se de *al-kayd* ou *al-kayed*, que significa o chefe, o que guia, e daí capitão governador de uma praça de guerra, ou fronteiro: *alcalde*, porem, deriva-se de *al-cadhi* — o juiz. Muitos dos nossos antigos foraes conservam esta distincção, que o tempo obliterou.

(:) *Al-hariz* póde ser corrupção de *al-haci*, o tutor, ou protector, e nesse caso bem cabia tal denominação ao

pções do diploma se diz *merino* [maiorino, meirinho]: ahí finalmente se estabelece que se respeitem as propriedades dos mosarabes, não as devendo offender nenhum rei subsequente, ou *zafalmedino* (\*\*), ou *conde*, ou *principe da milicia*, que era verdadeiramente o *alcaide-mór*.

Offerecidas estas illustrações preliminares daremos no proximo artigo noticia do que ha mais importante e curioso ácerca do cargo de *alcaide-mór*.

A. Herculano.

#### DAS CAIXAS ECONOMICAS.

(Concluido de pag. 333.)

QUANDO a organização de um paiz é viciosa e violenta; onde a propriedade é não só mal, mas monstruosamente dividida; onde o capital está em guerra aberta com o trabalho; onde a condição do homem do povo é rigorosamente peor que a do servo da idade média, a caixa economica de certo que não póde remediar essa situação absurda. Os districtos ruraes da Inglaterra, nomeadamente os da Irlanda, são victimas de uma organização de propriedade territorial em que ainda está viva a conquista dos normandos, e nas cidades manufactoras a exaggeração dos aperfeiçoamentos industriaes tem levado ao extremo da desgraça não milhares, mas milhões de proletarios. Para estes que repetidas vezes, pelas fluctuações do commercio externo, tem largas ferias de trabalho, e vão receber a esmola parochial; para estes a quem frequentemente faltam os objectos de primeira necessidade, a caixa economica é como se não existisse. Recommendar ao grande numero dos proletarios inglezes a economia e a previsão fóra um cruel escarneo.

Mas que ha entre nós que tenha sombra de semelhança com a situação do povo inglez? As nossas fabricas são poucas, e longe de se acharem demasiadamente aperfeiçoadas, ainda nem sequer alcançaram a perfeição conveniente e moderada: nessas mesmas os salarios são rasoaveis, porque não ha superabundancia de braços. Nação essencialmente agricola, a industria manufactora parece-nos que nunca chegará a desequilibrar-se com a agricultura. Nesta, alem de ser avultadissimo o numero de proprietarios ruraes, e de predominar a pequena cultura pela grande divisão do solo, é sabido que para os simples rendeiros não são gravosas as rendas, sobretudo se as compararmos com o avaro, e, diremos até, feroz systema dos arrendamentos na Grã-Bretanha. Simples seareiros ha em Portugal que vivem mais abastadamente que alguns lavradores proprietarios inglezes; ao passo que a sorte dos trabalhadores ruraes portuguezes é sem comparação mais feliz que a dos de Inglaterra, e igual á dos de outro qualquer paiz da Europa, exceptuando talvez a Toscana.

Á vista destes factos não recearemos dizer que entre nós raro será o homem do povo que por meio de uma severa e intelligente economia não possa de-

*maiorino*; ou de *al-mohariz*, perfeito, guardador, e então melhor caberia ao *alcaide*, postoque não fosse impropria do maiorino.

(\*\*) Se, como parece, *zafalmedino* é a phrase arabe *sajf-al-medina* (espada da cidade) convertida n'uma expressão só, o redactor do documento não quiz mais do que dar a traducção della no que segue: *conde ou principe da milicia*, ou, por outra, *alcaide-mór*, a quem no estylo figurado dos arabes se podia com rasão chamar *sajf-al-medina*.



positar annualmente alguns cruzados na caixa economica, ou para occorrer a qualquer desgraça imprevista, ou para crear uma fonte de subsistencia na velhice, ou finalmente para ganhar a independencia de proprietario. Com os elementos de população de que se compõe a nação portugueza, póde-se prever que diffundindo-se pelo paiz as caixas economicas a estatistica destas será bem differente da que appresentam as caixas economicas de Inglaterra, e ainda as de França. Nestes paizes apenas uma quarta parte das sommas depositadas pertence aos operarios, e a classe que predomina como credora dellas é a dos creados. Entre nós a proporção deve vir a ser diversa: os pequenos proprietarios ruraes, os seareiros, os trabalhadores do campo, e os operarios não só de officinas, mas tambem de fabricas, hão-de predominar, e se assim acontecer, como esperámos, poderemos affirmar que a nação progride largamente no caminho da moralisação e dos melhoramentos materiaes.

Alguem achará talvez que estas brilhantes esperanças, que sinceramente temos pela futura regeneração economica do nosso povo, são contradictas pelo facto que apresentámos da analogia que existe entre a França e a Inglaterra, na proporção das classes que vão depositar as suas sobras nas caixas economicas. Na França, dir-se-ha, a divisão da propriedade é facilitada até o ultimo ponto pelas leis, e o numero de pequenos proprietarios ruraes é ainda maior, relativamente, que em Portugal: a agricultura tambem lá predomina sobre a industria fabril; a situação do rendeiro e do trabalhador do campo é mais analogia á dos nossos que á dos d'Inglaterra. Como pois não dão as caixas economicas na França um resultado estatistico muito diverso do que offerecem os *Saving's Banks* inglezes? Não se deve concluir d'ahi que ellas não tem a influencia que lhes attribuis, e que vice-versa no seu progresso ou atrazo não influe a situação relativa das classes sociaes, e o estado da propriedade?

Não! — A analogia dessa desproporção, contrária á ordem natural das cousas, entre os obreiros e as outras profissões naquelles dois paizes, tem em parte causas semelhantes, e em parte diversas, mas iguaes nos resultados. As fabricas francezas encaminham-se para o progresso exaggerado das de Inglaterra, e os grandes centros industriaes da França appresentam já em larga escala a miseria e a dissolução das cidades manufactureras da Grã-Bretanha. Lille, Mulhouse, Rheims, Ruão, e outras grandes povoações industriaes são a imagem horriavel da degradação das classes laboriosas em Manchester, Birmingham, Leeds, Glasgow &c. A pobreza extrema, desesperada, sem fim nem limites, já tambem ahi golfa em torrentes das caldeiras do vapor. A industria individual tende rapidamente a converter-se na industria, por assim dizer, collectiva: a officina desapparece diante da fabrica, o homem diante da machina. Não agitaremos aqui a questão se isto é um mal ou um bem absoluto, em relação aos interesses geraes de qualquer paiz; mas é incontestavel que esse transtorno completo na fórma do trabalho compromette altamente a situação dos operarios e inhabilita-os para irem depositar nas caixas economicas sobras de salarios diminutos e frequentes vezes interrompidos.

Por outra parte: o estado da propriedade territorial em França é exactamente o contrario do de Inglaterra: o solo inglez é, digamos assim, um grande vinculo aristocratico: a França um vasto al-

ludio popular. A terra neste paiz está retalhada em cento e vinte cinco milhões de chãos ou courellas, e tende a subdividir-se ainda mais. Apparecem já casos em que na alienação de uma parcella de terreno o preço da venda pouco excede o total das despesas necessarias para legalisar a transmissão. Muitos homens intelligentes começam a ter serios receios de que a extrema divisão do solo venha a impossibilitar a cultura, e ainda os que julgam estes receios infundados confessam a necessidade de uma lei que, distinguindo do objecto o direito sobre elle, consinta na divisão deste direito, mas prohiba o retalhar mais as pequenas herdades. Neste estado de cousas, o lavrador proprietario, ou ainda o simples rendeiro acha facilidade em empregar immediatamente na aquisição de terras as suas economias, sem que lhe seja necessario accumular-las por largos annos nas caixas economicas. Cem, duzentos, quatrocentos francos que lhe sobejem, deduzidas as despesas da lavoura e domesticas, é quanto basta: lá encontra logo um prado, uma courella, um cerradinho que comprado e cultivado com esmero lhe produzirá um lucro muito maior que o limitado juro da caixa economica: prefere, portanto, aquelle expediente: e com rasão. Para elle esta bella instituição torna-se realmente inutil.

Eis, quanto a nós as causas dessa analogia entre a França e a Inglaterra na proporção das classes contribuintes para as caixas economicas. A condição dos operarios manufactores é semelhante nos dois paizes; a população rural, porem, não contribue em Inglaterra porque a sua miseria igual á dos fabricantes lh'o não consente; em França, porque as suas economias tem um emprego immediato mais vantajoso. Assim naturalmente explicada, essa analogia não destroe de modo algum as considerações que fizemos.

Mas Portugal estará, porventura, no caso de algum daquelles dois paizes? Repetimo-lo: a industria fabril entre nós vai ainda longe do aperfeiçoamento a que ahi se tem chegado, e consequentemente tambem longe dos resultados — tristes incontestavelmente em relação aos operarios — que tal aperfeiçoamento produz. Quanto á população dos campos a indole da nossa propriedade rural é igualmente diversa da de ambos elles.

Q caracter predominante do modo de possuir o solo é entre nós a emphyteuse: para o sabermos não precisamos de estatistica: qualquer o póde verificar olhando ao redor de si. Nas provincias do norte quasi que não existe outro genero de propriedade. Sommados os prazos, os baldios, o chão dos edificios, e as vias publicas, teriamos quasi a medida superficial do paiz. O prazo é o meio termo entre o systema de propriedade ingleza, que não passa de uma anti-economica e odiosa aggregação de morgados, e o systema parcellario francez, que já inquieta muitos espiritos, e que ainda póde perturbar gravemente a industria agricola daquella nação. É nossa crença profunda que a emphyteuse, simplificada e organizada segundo as exigencias da sociedade actual é uma das mais uteis instituições que tem subsistido em Portugal; radicada nos nossos costumes parece-nos mui difficultoso destrui-la, e quem o tentasse faria um bem máu serviço ao seu paiz. O prazo fateosim perpetuo realisa esse desejo ha pouco emmittido em França de que a terra já limitada passasse indivisa, sem que por isso deixasse de ser divisivel o direito sobre ella.

É n'um paiz assim emphyteutico que se nos afi-



gura immensa a vantagem das caixas economicas. O commum dos prazos excedem em valor as economias annuaes de qualquer lavrador mediocre, ou de qualquer seareiro; mas estas economias accumuladas por certo numero de annos bastarão frequentemente para a aquisição de um ou outro desses prazos que a difficuldade dos encabeçamentos por occasião de partilhas tantas vezes lança no mercado. Quem tem algum conhecimento dos habitos do homem do campo sabe que, poupado durante a maior parte do anno, porque os meios lhe não sobejam, na occasião das colheitas quasi sempre desbarata mal uma porção do producto do seu suor. Pagas as rendas, seguras as sementes, provida a sua parca dispensa, acha-se ainda com as sobras de uma somma mais ou menos avultada: illude-se então por alguns dias e suppõe-se rico: quer gozar; e essas sobras, que poderiam formar lentamente um peculio consideravel, vão-se em luxo e em festas, quando não no jogo, na embriaguez, ou na devassidão. Se houvesse porem um estímulo de cobiça que o excitasse, estas sommas assim perdidas se converteriam em capitaes uteis, e tanto mais uteis quanto pertencendo ao mesmo homem de trabalho iriam fecundar duplicadamente a terra.

Depois, n'um paiz cuberto de baldios, para promover cuja cultura é impossivel se não olhe seriamente, quando pozermos treguas á furia das nossas paixões politicas, qual não deve ser o fructo das caixas economicas?! — Hoje se estes baldios se offerecessem gratuitamente, libertando de todos os impostos territoriaes por certo numero de annos quem os cultivasse, achar-se-hiam talvez muitas pessoas que se aproveitassem deste beneficio. Mas quaes seriam ellas? Os grandes proprietarios e lavradores, e algum dos raros capitalistas que a agiotagem não escravizou. Os pequenos cultivadores, os arrendatarios, os seareiros; aquelles, emfim, que, mais que nenhuns, importaria se convertessem em proprietarios do solo, esses é que justamente ficariam no maximo numero excluidos; porque, por mais diminuto que supponhamos o capital necessario para a arroteação de poucas geiras, quando esta é feita pelo proprio dono, sempre deve ser algum, e as classes inferiores não os possuem nem pequenos nem grandes. É evidente, porem, que as caixas economicas, estabelecidas, propagadas, favorecidas por todos aquelles que podem e devem faze-lo, preparariam os elementos necessarios para com verdadeira utilidade social se poder tomar tão importante medida.

Hoje entende-se já que o maior instrumento de moralisação e de ventura publica consiste em derramar entre o povo o sentimento de independencia e de propriedade; o associar o dinheiro ao labor, em vez de os conservar em mutua hostilidade, como desgraçadamente os vemos. O unico meio para se obter este fim é, permitta-se-nos a expressão, promover a passagem de transfugas do campo do capital para o do trabalho. Associai a este os pequenos peculios e estai certo de que elle hade desbaratar o adversario, e pô-lo á sua mercê. Supponde que o capitalista disputa ao homem do povo a courella que se levou ao mercado: o primeiro calcula a somma necessaria para o gado, para os instrumentos agrarios, para as sementes, e alem disso outra somma para pagar aos obreiros, que devem cultivar o campo por conta delle: é sobre este calculo, e os lucros pretendidos, que se regula

para estabelecer o maximo que póde offerecer. O homem de trabalho, porem, não conta com obreiros, porque o obreiro é elle, é sua mulher, são seus filhos, cujo labor valerá o dobro do dos trabalhadores assalariados do rico. Se o capitalista offereceu dez, elle offerecerá quinze ou vinte, e o phenomeno de vencer o humilde ao poderoso nas luctas da concorrência se verificará naturalmente, uma vez que o pobre possua um pequeno, mas sufficiente peculio.

Sinceramente confessamos que não vemos outro meio de se dar esta condição absoluta para a victoria do trabalho contra o dinheiro, senão o estabelecimento e progresso das caixas economicas.

Que pois todos os homens que amam deveras a terra da patria; que desejam ver crescer a prosperidade, reformarem-se os costumes, enraizar-se no povo o áferro ao solo natal, protejam por quantos modos souberem esta bella instituição. O christianismo, a philosophia, a moral e a politica o exigem. Que as tres grandes forças intellectuaes da sociedade, o sacerdocio do altar, o sacerdocio da imprensa, o sacerdocio da eschola se liguem para esta grande obra de philantropia. Será trahirem a sua missão o negarem-se a faze-lo; porque o pensamento das caixas economicas é ao mesmo tempo um corollario do Evangelho, da philosophia e do progresso da intelligencia: ellas representam a caridade judiciousa, porque salvam do vicio e da miseria, e o verdadeiro amor da liberdade humana, porque esta não póde existir senão onde o maior numero de cidadãos possue com que ser independente.

Que a experiencia das nações estranhas nos aproveite; que o pudor do patriotismo incite. Já que fomos a ultima nação da Europa em plantar entre nós esta instituição bemfazeja, não nos deshonremos deixando-a logo definhar. Passariamos aos olhos do mundo attonito por selvagens, e todos os nossos protestos de querermos o melhoramento moral e material do paiz por hypocrisia insigne. Sem civilisar e morigerar as multidões, todos os progressos são futeis.

Dirigimos as nossas reflexões, como a principio dissemos, especialmente á classe media e ao clero. Nas suas mãos está a illustração, a riqueza, a influencia: que use de tudo isto para attrahir o povo ao caminho da previsão, da economia, e da esperança. Não só elle, rude, pobre, e inclinado aos vicios ignobeis lucrará com isso: as classes mais elevadas ganharão igualmente na paz e ordem publica, que hão de ir-se firmando á proporção que as classes inferiores se forem melhorando nos costumes e na ventura domestica. Empreguemos o exemplo e a persuasão. Uns poucos de cruzados postos nas caixas economicas não produzirão por certo vantagens immediatas e materiaes para o que possui uma fortuna avultada ou ainda mediana; mas fructificarão para o povo gerando a confiança, e despertando o desejo da imitação. Conspiremos todos para esta grande catechese; e que n'um paiz, onde o habito da leitura ainda é limitado, a persuasão da palavra, as relações de familia ou de dependencia ajudem os esforços da imprensa nesta obra de alta moralidade. A Providencia abençoará os obreiros que semearem e cultivarem essa rica sementeira de regeneração na terra da patria, e o povo dará com a sua gratidão futura testemunho da benção da Providencia.





O CRETENSE E A SERPENTE.

APOLOGO.

NOMEADA foi na antiguidade a ilha de Creta pelas fraudes e aleivosias de seus naturaes (\*) e pelo muito que eram propensos a maldizer e difamar, semelhantes ao maximo inimigo do genero humano. (:) — Um cretense desta laia, dos que mais se compraziam em denigrir as reputações de seus conhecidos, e em desfigurar os feitos virtuosos, forjando

e divulgando boatos com a lingua perversa, mais cortante que o gume da espada, apertado da calma do meio-dia, lembrou-se de abrigar-se e repou-sar á sombra das ruinas de um edificio esboroado, onde as heras, ostensivamente parecendo ferrar e suster as paredes, insidiosas se enraizavam nas fendas e concorriam para a destruição; emblema exacto do calumniador, que disfarça com sorrisos a sua malicia. — Ai de ti, cretense, que não cuidas achar a morte onde buscas descanso: abi, occulta no entulho, jaz uma serpente que não obstante a luzente pelle e os olhos franzidos e languidos, é traioceira, investe, e verte veneno lethal; succumbirás ao golpe de uma lingua farpada, assim como da tua, não menos viperina, foram victimas muitas honras e creditos. Astuta te espreita, ei-la que levanta o collo, forma em espiraes o corpo roliço, salta, e crava as prezas no descuidado, que dahi a pouco expira em terriveis convulsões. Mas que singularidade! O sangue do cretense tambem era venenoso, e a serpente não lhe sobrevive! — O calumniador contamina quem lhe toca, e quem d'elle se aproxima.

CONCLUSÃO DO ARTIGO «DOS TROBADORES, E DA POESIA CONSIDERADA COMO ELEMENTO DE PROGRESSO E APERFEIÇOAMENTO DA LINGUA PORTUGUEZA.»

*Cancioneiro a pag. 98 v. e 99.*

Senhor fremosa querria saber  
de uos que sempre punney de servir  
pois uos eu sey mais d'outra ren amar  
que diredes a quem uos preguntar  
pois me podeades de morte guarir  
Senhor por que me leixades morrer.

Pois que massi tendes en poder  
Senñor fremosa dized uma ren  
que diredes se nos alguen disser  
que lle digades se nos aprouguer  
pois me podeades guarecer muy ben  
Senñor por que me leixades morrer.

Pois m'en tal coyta podeades ualer  
Come de morte, se deus uos perdon  
que diredes fremosa mia Senñor.  
U uos aquesto preguntado for  
pois uos amo mui de coracon  
Senñor por que me leixades morrer.

*Cancioneiro a pag. 108.*

Mundo têemos fals e sen sabor  
mundo sen deus e en que ben non a  
e mundo tal que non corregera  
ante o uejo sempre en peorar  
quand est eu cat e veendo o mellor  
por que me non uou  
algun esterrar.

U foy mesur ou graãdez u jaz!  
Uerdade u e quen a amigo leal!  
que fuy damor ou trobar por que sal.  
a gente e triste sol non quer cantar  
quand est cat e quanto mal ssi far.  
Por que me non uou  
algun esterrar.

(\*) Na epistola a Tito, primeiro bispo de Creta, S. Paulo cita (1 — 12) um verso de Epimenides a respeito do caracter dos cretenses.

(:) O nome *diabo*, na sua origem, significa *calumniador*.

*Trobadores provençaes francezes.*

Pus que d'amor m̄ estuet chantar  
Chansoneta commenseraí  
E per mon cor reconfortar  
De novela amor chantarai.  
Deus, tan me fai a li pensar  
Cela dont ja no m' partirai.  
Tan com viurai.  
Ah Deus! Uerai Deus! no puesc durar.  
Alo mals qũ ieu ai.

Si la bella blonda sabia  
Com lo departirs m'ancira  
Ja de mi no departiria  
S'amor qu ela donada m'a.  
Quar, en qual loc que moc corp sia  
Mos cors totz joy a li sera;  
Ni ja no i en departira  
Dieus! la reveirai ieu tant ja  
La bella que mon cor a? (\*\*)

*Lingua dos trobadores italianes.*

Per me si va en la ciutal dolent  
Per me si va en l'eternal dolor  
Per me si va tras la perduta gent.

Justizia moguet el mieu alt facher  
Fes mi la divina potestat  
La summa sapienza e l'prim'amor.

Ma de la temperanza e pietate  
La misericordia si ne é nata.

Eu Bonifacio de tanta potenza  
De mi dotaron et ebena paura  
La strucion crudele de Florenza.

(\*\*) Insetas no obra = Grammaire comparée des Langues = de Mr. Raynouard, pag. 388.



Julgámos bastantes os exemplos apontados para comprovar as proposições estabelecidas no começo deste artigo, e no antecedente. Com effeito reflectindo-se attentamente nestes extractos se nota uma admiravel semelhança em todas estas linguas, approximando-se todas d'uma origem commum, assim na construcção da phrase, como nos vocabulos, formação, e desinencias quasi todas da lingua romana provençal. Sentimos não poder avançar a uma epocha mais proxima porque nos faltam os escriptos e as trovas d'elrei D. Diniz, as de seu filho o conde D. Pedro, e mesmo as do condestavel do mesmo nome que, segundo Santilhana, trovou tambem.

O nosso bom Ferreira, apesar d'escrever já quando a lingua portugueza estava formada e perfeita, levado todavia pela belleza simples e agradável da poesia dos trovadores, quiz imita-la nos dois sonetos que vem no Tom. 1.º de suas obras poeticas pag. mihi 89, dos quaes o 2.º diz assim: =

Vinha amor pelo campo trebelhando  
Com sa fremosa madre, e sas donzellas,  
El rindo e cheo de ledice entr'ellas,  
Ja d'arco e de sas sétas non curando.  
Brioranja abi a sazón sia pensando  
Na grã coita, que ella ha, e vendo aquellas  
Setas d'amor, filha em sa mão ùa dellas  
E metea no arco, e vay-se andando.  
Deshi volveo o rosto hu amor sia  
Er disse, ay traydor, que me has fallido  
Eu prenderei de ti crua vendita.  
Largou a mão, quedou amor ferido  
E catando a sa sestra, endoado grita:  
Ay mercé, a Brioranja, que fugia.

O conceito mimoso e delicado do soneto digno era em verdade da bella lingua provençal, que se manifesta em quasi todos os versos: até a exclamação = ay mercé = é visivelmente traducção litteral da franceza = ah! merci. = Uma observação que a respeito desta medida de versos tivemos occasião de fazer é que o grande numero de sabios que trabalharam no Diccionario da Academia franceza se mostraram bem pouco sabedores de nossas cousas quando no artigo *Hendecassilabe* escreveram = verso de onze syllabas que não foi usado senão entre latinos e italianos. Ora nós ainda teremos occasião de mostrar que não só os houve em Portugal desde a primeira idade da poesia em vulgar, mas que se não fomos dos primeiros, ao menos nenhuma outra nação os usou adiante de nós. Manuel de Faria e Sousa já nos havia assignado esta primazia no T. 3.º P.º 4.º cap. 8.º da Europa Portugueza, supposto que nenhum conhecimento mostra haver tido do Cancioneiro do collegio dos Nobres.

A doce e harmoniosa lyra dos trovadores provençaes passou com admiravel empenho a nossos poetas desde os primeiros tempos da monarchia, e se estendeu com grande voga até aos tempos d'elrei D. João 1.º Então a lingua portugueza, auxiliada por aquella variada abundancia de locuções poeticas tomadas de varios idiomas, se formou já sisuda e decente como apparece dos escriptos de Fernão Lopes e Azurara. O duque de Coimbra, o mais instruido dos filhos daquelle soberano, transpóz já da poesia para a prosa locuções atrevidas, figuradas; entre outras nos pareceu notavel uma phrase empregada na resposta dada a uma consulta que lhe fizera elrei D. Duarte, seu irmão, em que á maneira dos

oradores começa por exaggerar a difficuldade em que se acha de o bem fazer, *vendo-se por tres embargos muito torvado*, e depois d'enumerar-los diz = per obedecer a vosso mandado *varlaventeando* contra aquestes embargos, vos escreverei o que me parece. =

Pouco tempo antes desta epocha tinha composto Vasco de Lobeira o primeiro livro de cavallarias que se viu na Peninsula; e foi elle tão bem accedido que mereceu a excepção honrosissima que, da proscricção quasi geral de similhantes escriptos, lhe fez o famoso Miguel Cervantes. Desde então entraram d'apparecer simultaneamente trovadores e prosistas, que alternavam melhoramento e augmentação no cabedal da lingua. Em tempos d'elrei D. Manuel a magnificencia da cõrte com suas festas e seus sarás do paço, que era então a eschola dos sentimentos nobres e da instrucção cavalheiresca, se adiantou e cultivou muito a poesia e as novellas ou romances, como se depreheende do curiosissimo livro = *Menina e Moça*, ou *Saudades de Bernardim Ribeiro*. = Garcia de Resende, Damião de Goes, e outros prepararam o caminho para os escriptos do inimitavel auctor do *Palmeirim d'Inglaterra*, e dos *das Decadas*, e dos *Lusiadas*, que ainda não foram excedidos.

Nós terminaremos este artigo com outra observação, e é, que se houvermos de decidir pela semelhança da medida do verso e da rhima, parece poderíamos chamar a uma epocha mais moderna aquelles lindos versos das duas cartas de Gonçalo Hermigues á sua dama; porque encontramos em tempos posteriores e quasi parallelos a mesma invenção, tanto em Castella como Portugal, como se verá da confrontação seguinte: =

#### 2.ª Carta do Hermigues.

Bem satisfeita ficades  
Corpo doyro  
Alegrade a quem amades  
Que ei ja moyro.  
Ei bos rogo vos lembredes  
Ca vos quije  
A que dolos não habedes  
Que bos fige &c.

#### Versos do infante D. Pedro em louvor de Lisboa.

Porque tu foste a colheita  
Daquelle Grego sisudo  
Tam matreiro  
A te fes toda bem feita  
Neste logo tão sabudo  
A neste oyteiro.

#### Versos do marquez de Santilhana para instrucção do principe D. Henrique, filho de D. João 2.º de Castella.

Fijo mio mucho amado  
para mientes,  
no contrastes à las gentes  
mal su grado.  
Ama, e serás amado  
e poderás  
facer lo que no farás  
desamado.

J. da C. N. C.



## Biographia.

D. BERNARDA FERREIRA DE LACERDA.

PORTUGAL gloria-se, com sobeja rasão, de possuir talentos raros, e se talvez descessemos a comparações, poderíamos asseverar, [sem nos cegar o amor patrio] que considerada a pequenez da sua população e os mais inconvenientes que entre nós tem obstado ao desenvolvimento dos grandes genios, nenhuma outra nação, guardada a proporção, póde conosco hombraear em ter possuido tantos homens illustres já pelas letras, e já pelas armas. O que nos falta são cbronistas e leitores, que se cópia tivessemos de ambos, talvez encheríamos paginas de volumes, que offereceriam sem duvida mais interesse do que esse cardume de insulsas cousas, que muitas vezes apreciâmos, lêmos e pagâmos, só porque é obra de estranhos. E note-se que não se limitam os distinctos talentos de que Portugal se ufana só ao sexo masculino: possuímos tambem auctoras e poetisas, e disto, se aqui fosse o logar competente, dariamos sobejas provas; basta porem offerecermos uma tão cabal como é D. Bernarda Ferreira de Lacerda, que foi um dos ornamentos do 17.º seculo, com quanto haja sido menos memorada do que outras do seu sexo, a quem escriptores modernos tributam cultos, sem terem a elles titulos tão valiosos como esta nossa illustre compatriota.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda nasceu na cidade do Porto em o anno de 1595. Foram seus nobres progenitores Ignacio Ferreira Leitão, cavalleiro da Ordem de Santiago, desembargador do paço, chanceller mór do reino, e D. Paula de Sá Pereira, filha de Gomes Corrêa de Lacerda, e de D. Ignez de Sá Menezes. Desde os mais verdes annos deu logo manifestos signaes de raro engenho e agudeza, fazendo antever que na idade adulta havia de ser admirado o seu talento, mórmente unindo-se nella, o que raras vezes succede, a discrição e a formosura. Com o progresso dos annos se foi augmentando no exercicio das artes e sciencias, dedicando-se ao estudo da philosophia, da mathematica, e praticando com perfeição, graça e destreza, os preceitos da musica. Entre as musas teve distincto logar, merecendo pelas suas metricas composições ser aclamada princeza de tão sublime arte pelos celebres poetas seus coevos, João Perez de Montalvão, e Lope da Vega Carpio.

Nem estes foram só os dotes que D. Bernarda possuia; era mui perita nas sciencias sagradas, e discursava profundamente sobre ellas. Fallava elegantemente as linguas latina, italiana e hespanhola, parecendo, diz o auctor da Bibliotheca Lusitana, pela perfeição com que as dearticulava, que nascêra onde ellas tinham o seu berço.

A fama destes dotes scientificos, moveu Filippe 3.º, quando veio a Portugal, a nomea-la para mestra dos principes seus filhos, D. Carlos e D. Fernando; porem a este honorifico ministerio humilde e respeitosa mente se escusou.

Sendo tão insigne nas letras, ainda foi maior nas virtudes. Sustentava quotidianamente com largas esmolas a muitos pobres, sendo o seu primeiro desvelo soccorrer aquelles a quem o pejo fechava a boca para pedirem remedio á sua necessidade. — Era cordialmente devota sem affectação nem fanatismo, e cumpria com grande attenção os preceitos da nossa crença. Sofreu, que essa é a condição dos

bons, aggravos de quem lhe devia obrigações; e com paciencia christã, como se fôra insensivel, padeceu contínuos achaques que lhe affligiam o corpo e o espirito. Ainda que era tão discreta e sabia, sempre se considerava ignorante, não podendo a vangloria, inseparavel companheira da misera humanidade, fazer no seu coração a mais leve impressão.

Foi casada com Fernão Corrêa de Sousa, digno esposo de tal consorte, assim em a nobreza do sangue, como na pratica das virtudes, de quem teve descendencia que não degenerou de tão qualificados progenitores. Com catholica resignação soffreu a morte do seu esposo e de alguns filhos que amava com extremo, e desde então a sua saude se tornou cada dia mais precaria. Depois de uma curta enfermidade entregou a alma ao Creator no primeiro de outubro do anno de 1644. Os biographos não nos conservaram desta illustre portugueza nenhuns outros promenores, com que muito quizeramos enriquecer este curto epitome; sabemos porem que fôra sepultada com seu marido em um nobre mausoleu de porfido e alabastro, situado ao lado do Evangelho da capella de S. José em Lisboa, no convento de N.ª S.ª dos Remedios, de carmelitas descalços. O mausoleu tinha o seguinte epitaphio:

«Fernão Corrêa de Souza, D. Bernarda Ferreira de Lacerda, offerecem aqui mortos quotidiano sacrificio, e esperão o dia da immortalidade. Nasceram com honra, viveram com applauso, morreram com exemplo. Felices singularmente ambos, elle na sorte de tão insigne mulher, ella nos dotes de uma alma tão sublime, que sem igual na idade presente venceo a fama das passadas. Sua erudição, juizo, engenho, e a grandeza do seu espirito cantou com heroico estilo Hespanha Libertada. Sua piedade, devoção, e virtude para c'ò Deos, desprezo, e esquecimento do mundo repetem com saudoza e celestial harmonia os echos das Soledades do Bussaco. Seus escriptos são seu retrato. Suas cinzas nosso desengano. Foi laureada no Paraizo do Ceo em o primeiro de Outubro de 1644.»

Entre as obras que compoz notam-se «a España libertada» impressa em Lisboa em 1618. A segunda parte deste poema publicou-se em 1673, por diligencias de sua filha, D. Maria Clara de Menezes.

Soledades do Bussaco, Lisboa 1634; consta de versos castelhanos, portuguezes e italianos.

Rithmo Latino, e varias decimas portuguezas em applauso do poema heroico, intitulado Malaca Conquistada, por Francisco de Sá Menezes.

Diversas poesias, Lisboa 1631 e 1635; entre estas as que fez em louvor da Ulysea, de Gabriel Pereira de Castro.

Alem de diversos manuscriptos de comedias, poesias, e lyras á aclamação de D. João 4.º — Veja-se para conhecimento das suas obras a Bibliotheca Lusitana, de Barbosa Machado.

Diversos poetas coevos lhe cantaram os louvores, como foram Lope da Vega del Carpio, Antonio Figueira Durão, Faria e Sousa, o P.º Antonio dos Reis, e Manuel de Galhegos.

O velho principe d'Orange dizia que o momento em que se recebem as melhores noticias era aquelle em que se devia redobrar d'attenção para evitar as más.